COLABORATÓRIO

Faetusa Tirzah ✳ Casa Sônica

Casa Sônica

2024

Faetusa Tirzah

com

Aline Bernardi
Amrita Jones
Cinira D'Alva
Curva de Ryo
Fernanda Porto
Loreta Dialla
Lu Faccini
Mariana Smith
Thaís de Campos
Themis Memória
Valquíria Prates

Colaboratório é um trabalho da artista e pesquisadora Faetusa Tirzah que se configura como um dispositivo de criação e investigação coletiva, articulando arte, escrita e práticas oraculares a partir da escuta e da partilha. Na primavera de 2024, o projeto realizou uma edição em formato de residência artística na Casa Sônica, em Fortaleza, entendendo a residência como obra e ativando um tempo expandido de convivência, pesquisa e criação coletiva.



PARTILHA 13/09/2024



roda da fortuna

se o corpo ganha outra maneira
de coreografar a tela
A Edições como na composições
vídeo gráfica na vídeo dança.

A PASSAGEM
DO PÁSSARO





AS ÁGUAS AS ÁGUAS AS
AS ÁGUAS ÁGUAS
O DESAFIO ESTÁ NA
ENCONTRA NO FAZER

A JUSTA MEDIDA DAS COISAS

AS ÁGUAS AS ÁGUAS ÁGUAS
SOZINHA E EMBANDO
O FIO QUE PASSAMOS UMAS UM
PARA AS OUTRAS

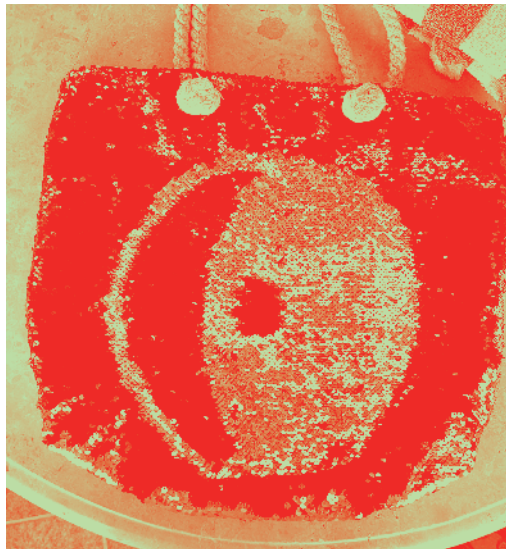


O Diabo



O desapiedado fala na raiz
a flauta no ar
na terra de si
próprio
a ponta da espada
duma carruagem com
o sangue
é o interior do
coração quem diz
E o metal quem se
imagina
A língua do
metal
A língua do
sangue





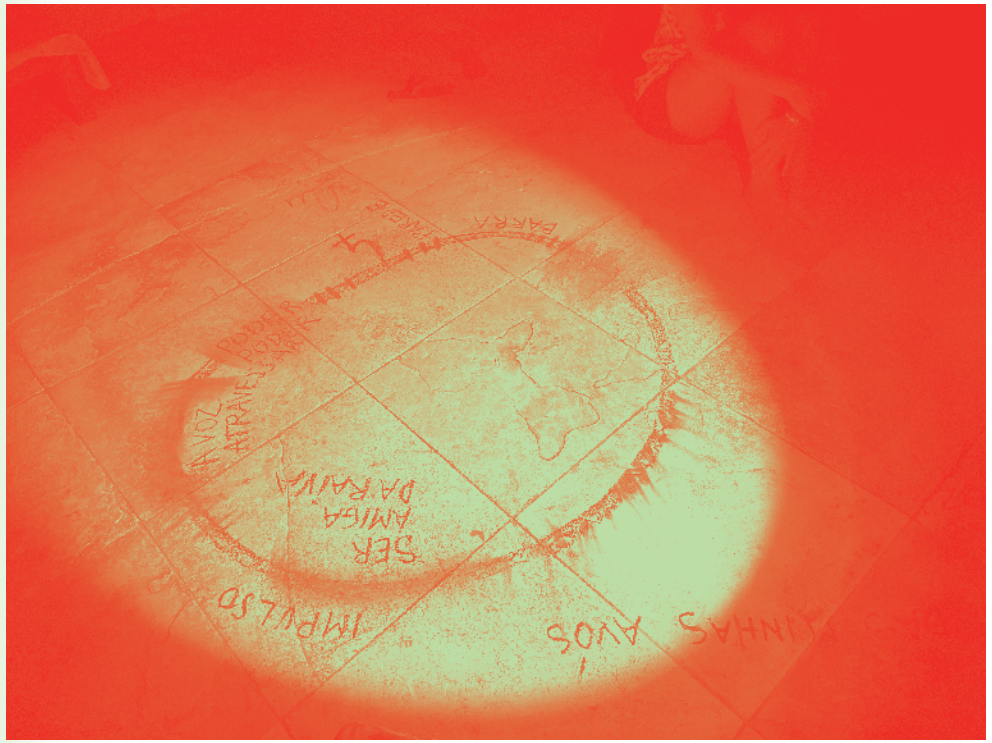







Serpente
Sonhar
o sonho
que me
sonha.





ESTAR PRA JOGO





Sabemos que Artaud aparece em *História da loucura*, de Foucault, como importante figura que questiona o estatuto da loucura, com todo o seu sistema de enclausuramento constituído por trás da fachada da razão. No entanto, não podemos esquecer que tal questionamento realizou-se depois, com o do estatuto da própria vida no Ocidente moderno, da vida aprisionada num sistema que a investe por dentro, profundamente, a ponto que chega-se a odiar o organismo e os órgãos junto à vida. A biopolítica é o que Artaud viveu e experimentou até o fim.

Essa problemática, que vimos tentando situar, provisória e hipoteticamente na biopolítica, assim como Foucault definiu-a, pede de Artaud uma série de trabalhos excepcionais, executados principalmente em cadernos que ele começa em Rodez, escrevendo e desenhando. Da mesma maneira que a palavra "vida" soa de maneira singular em Artaud, a palavra "trabalho" também é revestida por singular tonalidade:

> Faz-se seu corpo por si mesmo, com a mão. Porque as cataplasmas não nasceram do espírito santo e sim de aplicação manual, a vontade não é nenhum fluído, é um gesto, a espessura é a conseqüência de um trabalho de empurrão, de força, de compressão e não um estado de espírito.[9]

A luta contra os órgãos pede tal trabalho de escritura e desenho. E o trabalho de Artaud consiste em refazer seu corpo, a espessura desse corpo. "Não existe corrente elétrica do ser nem deus, existe meu trabalho de homem, pedra sobre pedra, no meu corpo, e é só".[10]

Evidentemente, tal trabalho para refazer o corpo pede tempo, um tempo especial: "Como ferve o café?/ Pelo descanso./ E como o descanso faz ferver?/ Pelo trabalho no descanso,/ o qual não é novo trabalho/ e sim *outro* trabalho.// Chama-se a própria dor."[11]

Assim, esse trabalho pede simultaneamente tempo especial e trabalho singular sobre o tempo: "Uma coisa da qual apenas eu



a tinta Rimilha da Chaia
roda da fortuna
a terra
tempestuosa





COLABORATÓRIO

Colaboratórios são proposições artísticas, maquinarias oraculares, encontros para fabulações, experiências sensíveis, leituras-escritas de imagens e textos. O que é um oráculo? O oracular é verbo? É fazer vibrar os signos? Ler o que nunca foi escrito? Soprar o tempo? Lançar feitiço? Oracular é inesperar? Espiar o futuro como quem sonha? Sonhar como quem defende o sonhar?

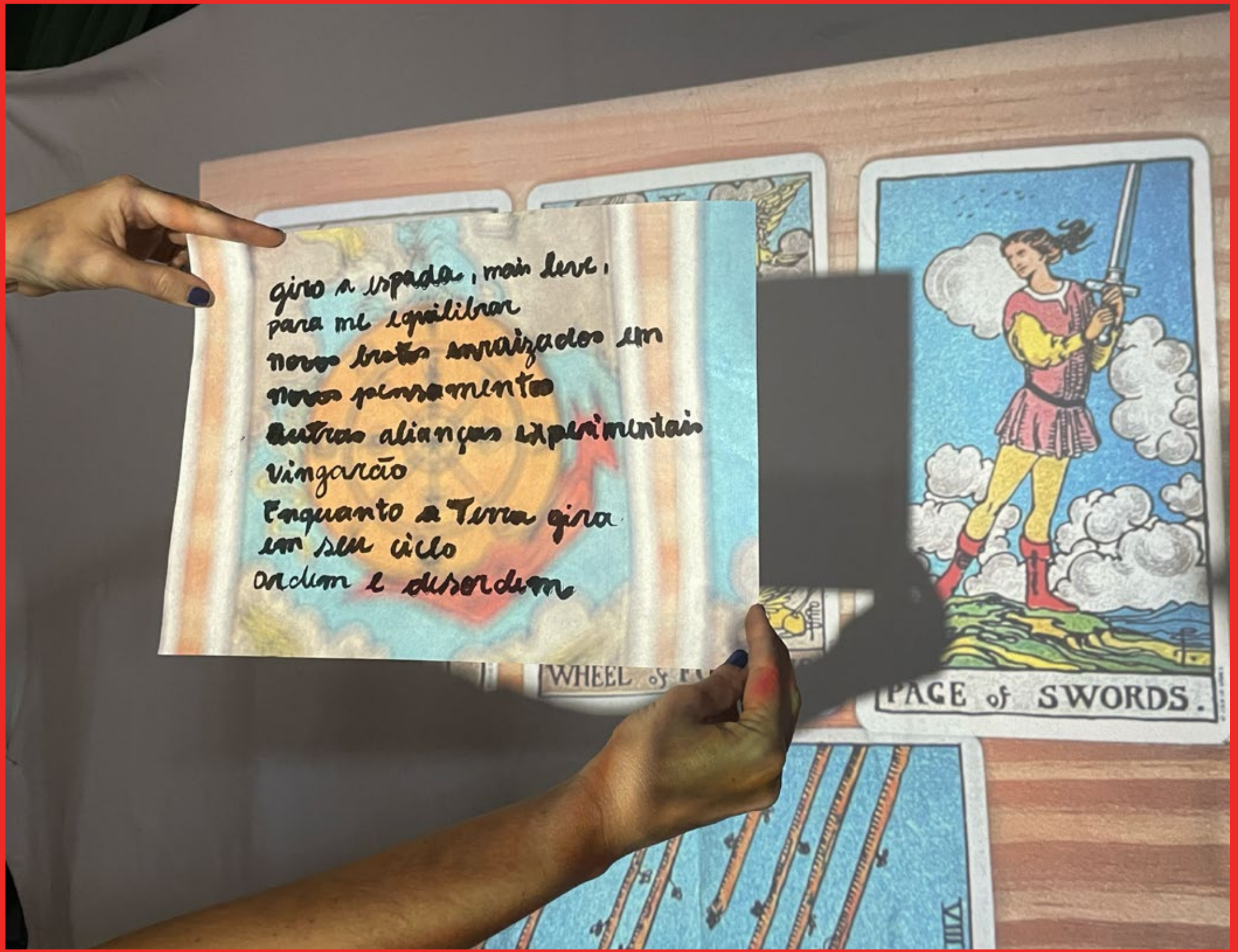
Os Colaboratórios acontecem em diferentes formatos e contextos, e na Casa Sônica, em Fortaleza, se tornou uma residência artística. Oráculo aberto como máquina do tempo, arcano X do tarô, Roda da fortuna, tear de Moiras, sistema de tecer, fazer renda, fazer antigo. O que levantar do esquecimento? As perguntas movem os Colaboratórios: o que levantar do esquecimento? A sibila foi levantada por uma revista de poesia na *apantomancia*, oráculo das coisas que se apresentam subitamente. Sibila é o som da cobra. *Sibilas* eram mulheres oráculos da antiguidade que anunciavam destinos por meio de enigmas. Língua bifurcada, língua-veneno, língua-delírio, língua-remédio. Nos reunimos em setembro, na época dos ventos. Fomos embaralhadas como cartas na mesa de jogo. Cantos, ervações, vaporizações, oráculos dos astros, do corpo, das folhas e dos livros abertos. *Bibliomancia* como metodologia de pesquisa indisciplinar. Oracular é verbo: indisciplinar. Ficcionar outros possíveis. Festa de sentidos. Olhar os restos da festa como pistas. O que levantar do esquecimento?

A medicina do escuro, do tato e das narinas. Ler musambê, hortelã, bucha, fumo, amburana, angico, cumaru, jucá, romã, alho roxo, mel de caju. O que levantar do esquecimento? Lembrar os nomes com a tinta vermelha. Os nomes da terra. Os nomes das mulheres. Ler as sensações, as lágrimas, as risadas, abraços de vivas e mortas. Colaboratório é maquinaria de produzir presença: perceber o tempo nascer no corpo. Corpo aceso. Erótico. Rajada. É chocar as outras em si. Chocar olhos. Chocar palavras. “O coração tempestuoso precisa escrever em muitas direções”. “Agora é enraizar o olho no olho”. Girar num círculo que não se fecha, que distribui sortilégios como desejos de sorte.

Faetusa Tirzah


Leituras da Morte
A.A.
Performances do tempo espiralar
Leda Maria Martins
Fogo no Mato
A ciência encantada das macumbas
VOZES PLURAIS
Potências da suavidade
Anne Dufourmantelle
bell hooks
Gilles Deleuze
CRÍTICA E CLÍNICA
Coleção TRANS
um defeito de cor
Ana Maria Gonçalves
Gilles Deleuze
CONVERSAÇÕES
METAMORFOSES
IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO
O LIVRO DAS PEDRAS
O DESEJO DOS OUTROS
UMA ETNOGRAFIA DOS SONHOS YANOMAMI
Escute as feras
O CORPO
CHOQUES CÓSMICOS
Tarkovski Sarsydarian
O LIVRO DE OURO DA SAÚDE
PLANTAS MEDICINAIS
CORITA KENT
JAN STEWARD
aprender de cor
ação
PRÁTICAS PARA LIBERTAR

✳ Colaboratório de escrita oracular

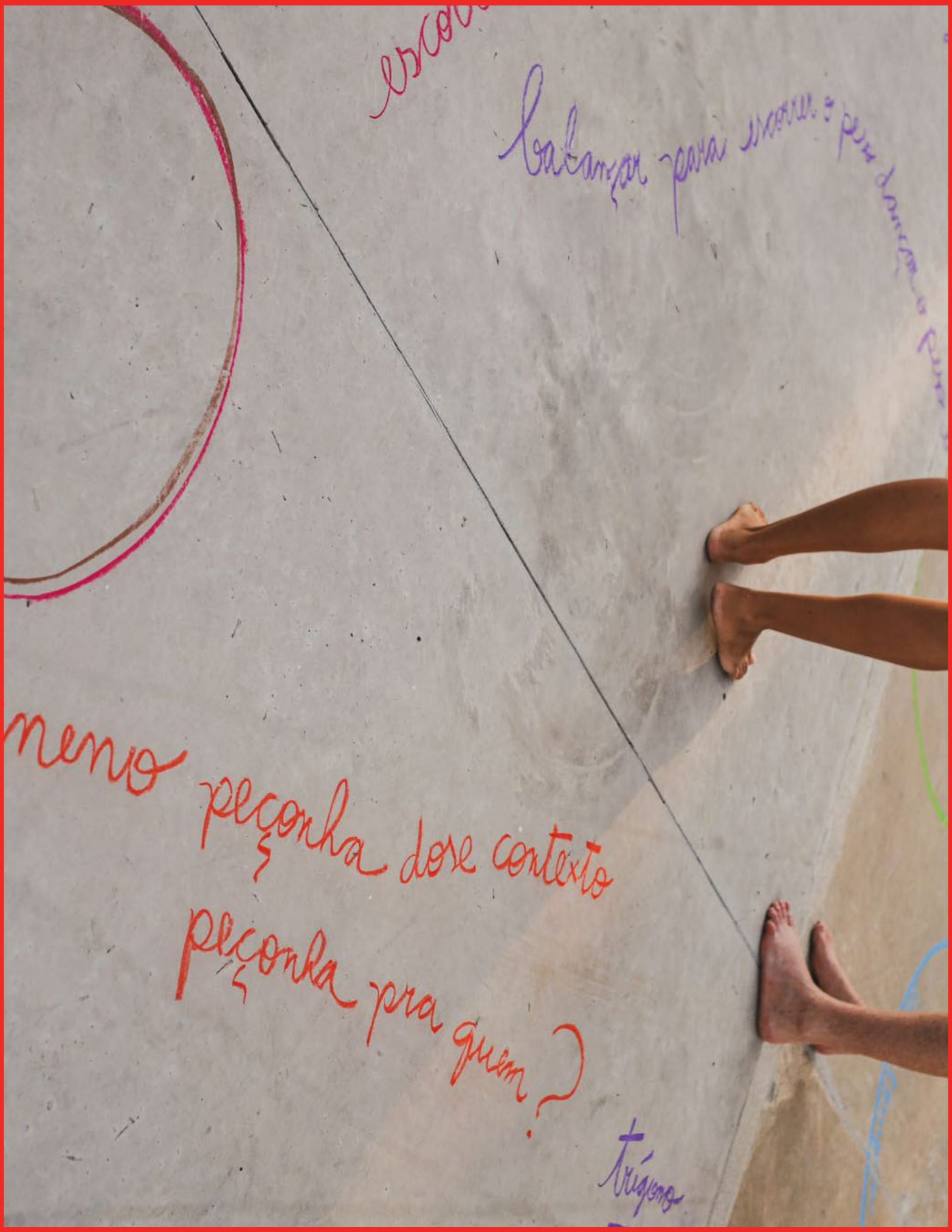


✳


THE DEVIL
O HIEROFANTE
QUEEN of PENTACLES



✦


balançar para escovar. e pra dançar e pular
menos peçonha dos contextos
peçonha pra quem?
trégua


COLLABORATOR

Aline Bernardi
Amrita Jones
Cinira D'Alva
Curva de Ryo
Faetusa Tirzah
Fernanda Porto
Loreta Dialla
Lu Faccini
Mariana Smith
Thaís de Campos
Themis Memória
Valquíria Prates

Processos e trabalhos



oráculo.
curva. sibila.
corpo. ciclo. boca.
lua. língua. erva. cobra.
oráculo. feitiço.
sopro.



olho.
escrita. oráculo.
aranhas. pedra. trama.
olhos. guiança. curva.
caminho. vento. sibila.
roda. oráculo.
processo. língua.
inacabado.



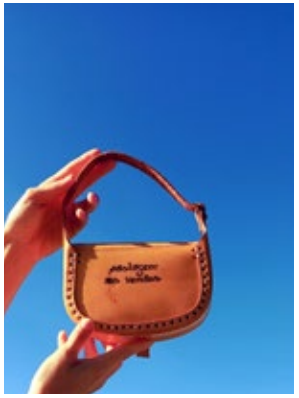
sibila. serpente,
ervas. curva. escrita. oráculo.
aranhas. pedra. trama. bifurcação.
guiança. curva. relevo.
sibila. galho.
folha.





Aline Bernardi







um convite para: escutar a
língua dos ventos, dançar nas
bifurcações do corpo, sibilar
nas beiradas dos encontros.

as mãos em ação, o mundo na
memória, o mistério vestindo
a superfície da pele da Terra.
olhar para o que se faz e como
se move pode ser o fio.

deixar vazar, escapar.
metamorfosear enquanto as
sibilas cruzam e perfuram a
matéria das coisas.

uma dança surge no corpo que
é soprado pelos ventos.
molhar o coração e saber de
onde se vem. o sol aponta
seus raios para aquilo que
levanta brotamento. confiar
destino às águas em seu
oferecimento
às passagem.

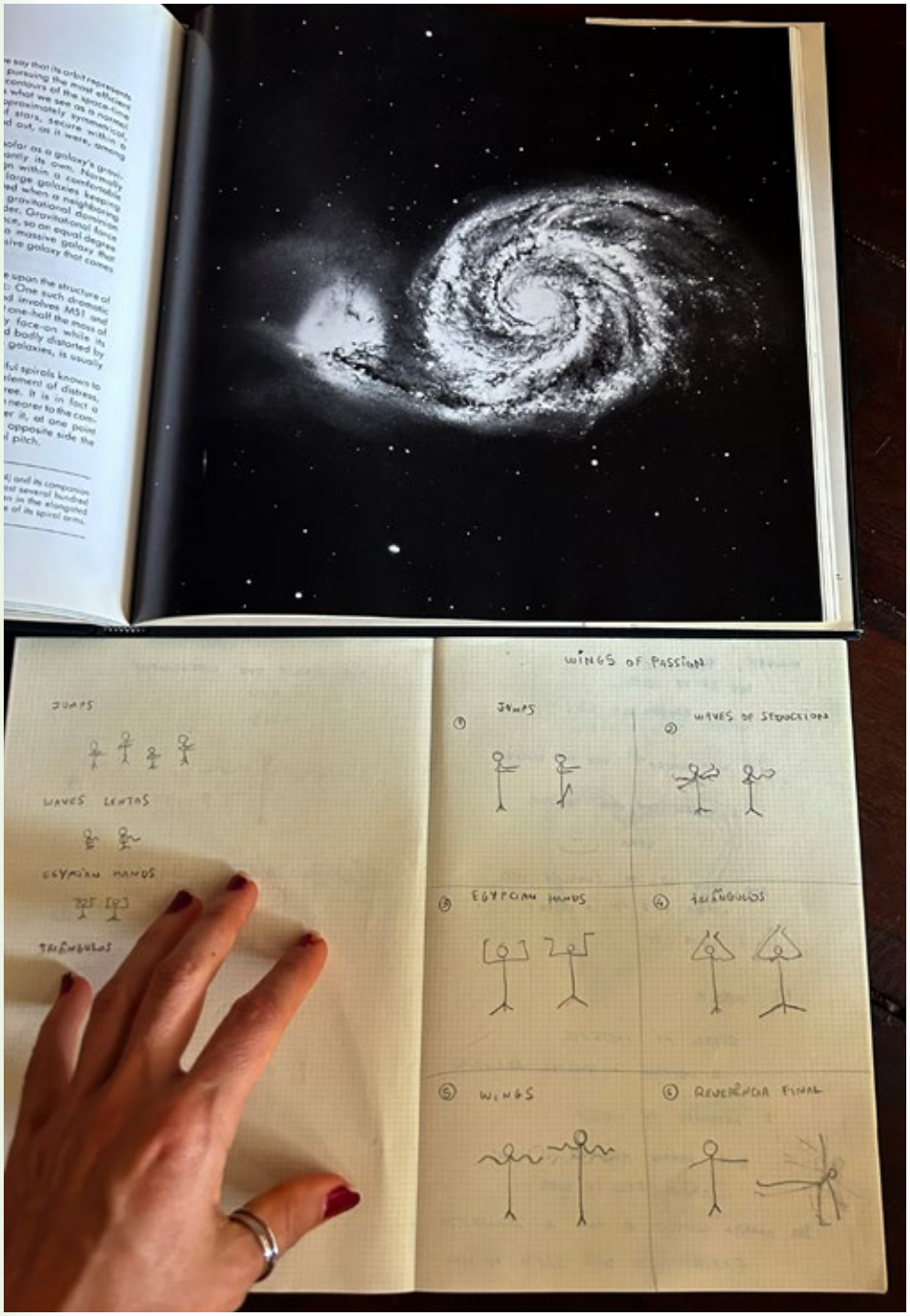
dançar com a sinfonia dos
pássaros, sentir o tremor
na corrente sanguínea,
atravessar os cheiros
cotidianos, cavalgar no
silêncio das máquinas, derivar
presenças na boca das
encruzilhadas, ser guiada
pelas cicatrizes do espanto.

ouvir a voz do vento
habitando a borda do mundo.



Para "pastar aos ventos", experimente:

1. imprima as imagens aqui oferecidas enquanto cartas, e se desejar, some fotos suas
2. escolha uma bolsa para “pastar aos ventos” com essas imagens oraculares e leve um punhado de canela contigo
3. feche os olhos, gire em torno do próprio eixo e pause.
4. abra os olhos e caminhe na direção apontada pelas costas do seu corpo, a direção da ancestralidade.
5. deixe a caminhada acontecer feito deriva, e deixe os ventos te indicarem os caminhos
6. perceba onde o vento te pediu para pausar e escolha um lugar para sentar
7. pegue um punhado de canela e sopre em cima das imagens
8. embaralhe as cartas, e escolha uma imagem de modo oracular. leia essa imagem
9. abra os olhos e siga praticando a sua "pastagem aos ventos": dance, descanse, cante, desenhe, caminhe, tome um chá - invente-se!
10. sinta uma pergunta nascer e ofereça essa pergunta para algum ser vivente que esteja ao seu redor
11. siga “pastando aos ventos” e, se desejar, faça uma escrita em fluxo contínuo buscando sintonizar com o que está escutando dos ventos
12. derive a prática para onde quiser
13. convide algum ser vivente para derivar com você


WINGS OF PASSION
JUMPS
WAVES LENTAS
EGYPTIAN HANDS
TRIÁNGULOS
JUMPS
WAVES DE SEDUCCIÓN
EGYPTIAN HANDS
TRIÁNGULOS
WINGS
REVERENCIA FINAL



Andromeda Dance
Na busca de avistar Andromeda,
Me perdi num encontro inesperado comigo mesma.
158.000 anos luz passados
Presente e Futuro a 215.00 anos luz de distância
Um giro a mais
Um passo atrás
Coordenadas de memórias:
Latitudes e Longitudes de onde vibra meu coração
Ao som do gongo de Netuno.



Cinira D'Alva

Avó, pedra

fique atenta
à imagem que lhe assalta
à foto que cai no chão
enquanto procura uma coisa qualquer
também às cumeeiras
remanescentes dos telhados coloniais
peça a uma amiga que lhe ajude
a passar a linha
pelo buraco de uma agulha
quem lhe ensinou a costurar?
pergunte a uma tia
o nome de seus bisavós
leia um livro sobre a história do Ceará
procure com afinco
um cajueiro na areia
tire as sandálias
sinta a areia sob os pés
lembre dos quintais da sua cidade
agora levante um braço
abra a mão
e tire um caju
(um momento de grande amor
de grande amor)
pense na palavra selvageria
leia outro livro sobre a história do Ceará
pense nas pessoas que você ama
até aquecer seu coração
pense com afinco
agora imagine que elas pegam fogo
diga por fim
o nome de seus bisavós.



DENTRO DO MUNDO CABE A CRIANÇA
QUE BRINCA COM SERES INVISÍVEIS
DENTRO DO MUNDO CABE OS ANJOS
E OS CÁLICES

AS PESSOAS QUE CORREM POR ACHAREM
QUE TEM ONDE CHEGAR
A CONFUSÃO DE ESCOLHER
ENTRE CALÇAR OS PÁSSAROS
OU OS SAPATOS

DENTRO DO MUNDO TEM CORAÇÕES
PONTIAGUDOS
E MUDAS A ESPERA DO PLANTIO

BASTA ESTENDER A MÃO PARA
ABRIR UMA FENDA
BASTA UMA FENDA PARA BROTAR

DENTRO DO MUNDO TEM O COZIMENTO
EM FOGO BAIXO DAS COISAS
QUE SE MOVEM E QUEIMAM POR TODAS NÓS

NEM TODA FERA AMEAÇA
NEM TODO CARINHO AFAGA
MAS TODA PAIXÃO TEM ASAS.

Fortaleza, final do inverno de 2024
lua quase cheia em peixes
Colaboratório de escrita oracular





Ao participar, a pessoa traz para o encontro elementos significativos de qualquer natureza, e numa sessão de aproximadamente duas horas são realizados os seguintes procedimentos: ela fala sobre os elementos escolhidos, enuncia a pergunta ou questão, deita de olhos fechados, é convidada a dizer em voz alta suas sensações e lembranças, enquanto os elementos trazidos e cartas de tarô são arranjados sobre o seu corpo. Cartas, coisas e corpo são lidos como um oráculo.



















Carta céu é ativada por um gesto, um traçado de um círculo feito com giz: a instauração de um campo de encontros. Na sequência é marcada a posição do nascer do sol e as doze casas do zodíaco. A participação se dá em experiências de aproximadamente vinte minutos, com uma pessoa por vez, tendo o trabalho uma duração de quatro horas. Os encontros são previamente agendados a partir de um convite aberto ao público, com o envio de informações básicas para o desenho do mapa: cidade, data e horário de nascimento. Com a carta natal da pessoa em mãos, escolho uma cor. O que é possível traçar em vinte minutos? Hieróglifos, inscrições, marcas, profundidades? Traduções gráficas? Uma pergunta? Uma imagem sussurrada? Pequena narrativa? O mito envolvendo uma estrela? Um pedido? Uma mensagem? Um encanto?



atenção, existe uma estória não contada.
é outra estória.
ela contém as dobras dos dias,
feitas e desfeitas enquanto estamos juntas.

escute, essa outra estória carrega o ritmo da vida.
das ondas. do mar de dentro; de si e do outro.
ela é arrematada por pequenas tramas
e muitos mistérios.

é fio feito, desfeito, refeito. é casa, cabana, coberta.

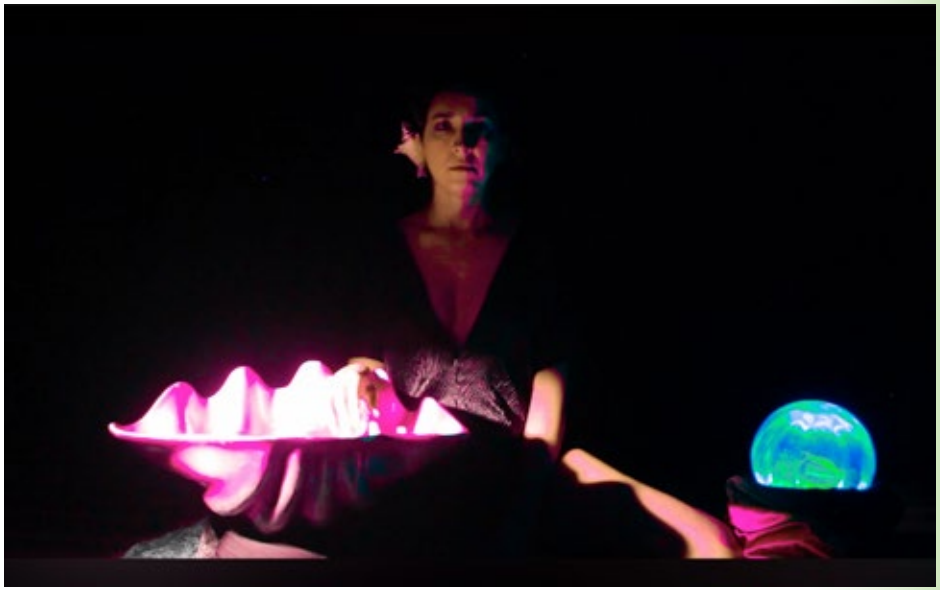
essa outra estória é de invenção e trabalho.
é sobre permanecer, fazer, embalar, cuidar, abrigar.

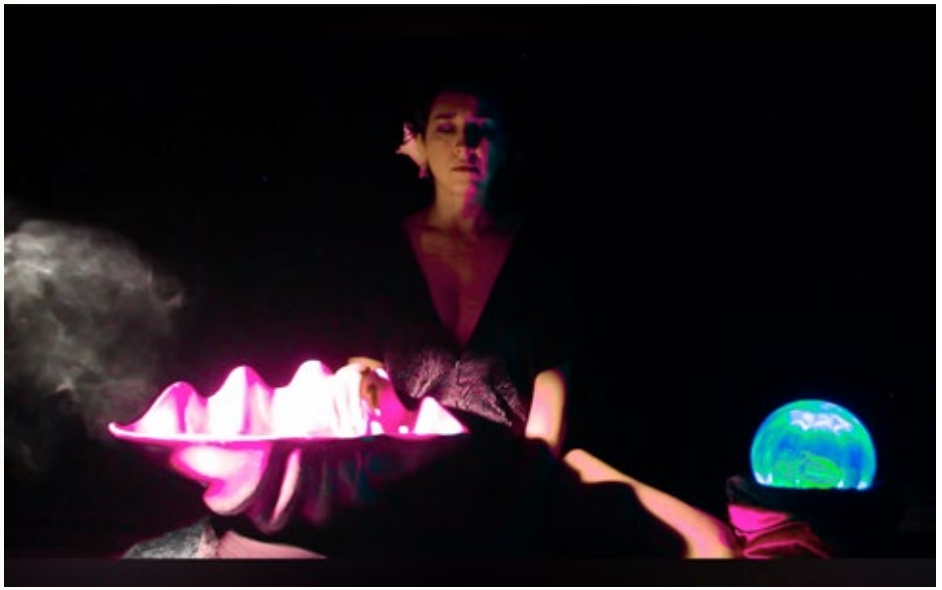
é do tempo de semear.
da espera pela colheita.

de descascar os grãos, sementes. uma-a-uma.
e isso é muito. imenso.
é do fazer coração, casa e coragem.

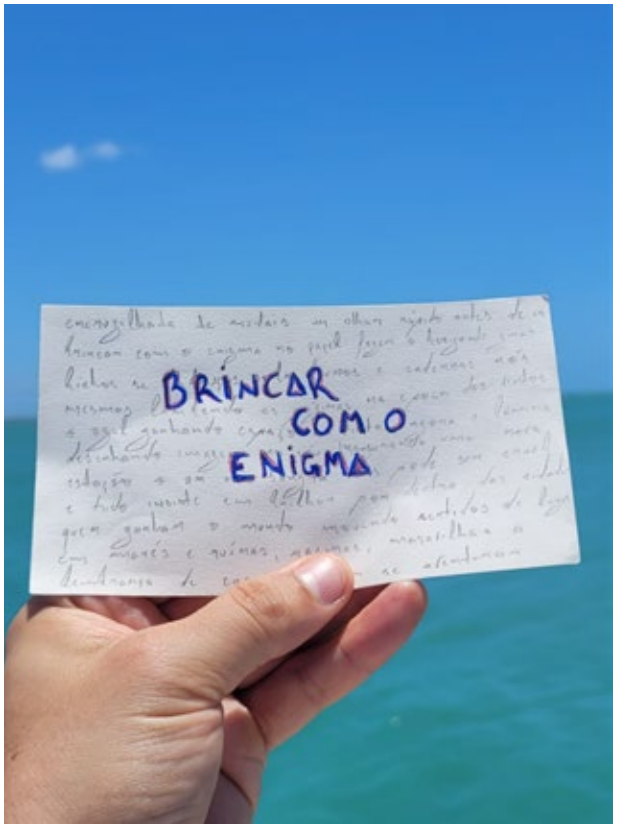
para não esquecer: atravessar e encontrar nas
sementes das memórias plantadas nos dias,
inscrições para o futuro.











Estar pra jogo é uma síntese da minha experiência na residência do Colaboratório em Fortaleza. Fazer o trabalho foi como procurar o mínimo e o máximo numa pequena pedra. Segurar ela com a mão e olhar cada ranhura, cada mineral. E de repente perceber a frase ali dentro:

Estar pra jogo como modo de presença
como convite
Estar pra jogo com as pessoas
com a cidade
Estar pra jogo com as coisas que a gente quer criar
com o oráculo

se misturar com ele
ser o próprio jogo

O Ceará tem uma relação muito forte e bonita com diversos tipos de tecidos, costuras e rendas. O estandarte foi feito com linho, o que pra mim foi mais um ponto de conexão com a cidade. Percorrer as lojas de tecidos, tocar os materiais com mão, derivar pelas ruas do centro, conversar com as pessoas que fui encontrando. Tudo isso esteve pra jogo. Inclusive a escolha das cores do estandarte foi feita em coletivo no espaço da residência.

A partir dos encontros e da relação com a cidade, apareceu a ideia de desdobrar o trabalho em outros suportes.
Foi assim que cheguei no lambe, com o desejo de levar o trabalho pra rua e integrá-lo à cidade, mesmo que temporariamente. Desde então tenho colado por algumas das cidades por onde passo.


ESTAR
PRA
JOGO


ESTAR
PRA
JOGO

Tantas belezas fizeram parte desses dias no Ceará que é um desafio dar ao relato um contorno breve. Mas faço esse esforço aqui, listando algumas ações com a sensação de que elas seguem acontecendo. Atravessar o país junto com Fae, criar novas amizades e conhecer a cidade através delas, um grupo de amigas muito generosas, interessadas e interessantes. Andar à deriva pelo centro, pedalar pela orla, tomar água de coco, cajuína e cerveja, provar comidas maravilhosas, chegar tarde de carona com Mari Smith, dormir e acordar no apartamento onde ficamos, comprar mel de caju, presentes e bolsas de lantejoula reversível. Andar com essas bolsas por todo canto. Dançar na festinha de amigas de amigas, adaptar uma roupa ao dress code da festa para entrar no clima, derivar com Cinira pelo centro, escutar a cidade, visitar o Bode Ioiô. Calma veloz no poste em frente à livraria, que também é bar e ponto de cultura, côco do Cariri e quartas de Iansã. Ouvir sobre os rios soterrados pelo urbanismo, sobre os edifício da cidade velha que já não existem mais, desfrutar da beleza violenta do aterro de Iracema, mergulhar no Poço da Draga, olhar o tempo encravado no pilares do trapiche, observar a atual situação das velas do Mucuripe, que tanto ouvi na canção. Não perder as contradições de vista. Ainda assim, entrar no mar à noite e se espantar com a delícia, reencontrar minha amiga Mari Freitas depois de tantos anos. Ver as amigas elaborando seus trabalhos, se ajudando e correndo pra dar conta de tantas ideias. Irmos todas para a casa da praia em dia de eclipse, tomar banho de som, tingir roupas e pastar vento. Conviver com o edifício Dona Bela, que abriga a Casa Sônica - onde estivemos nesses dias todos - e onde também estão as casas de Themis, Thaís, o Salão das Ilusões e a casa de dona Rachel, que colaborou diretamente comigo no trabalho, costurando enquanto cuidava dos netos e que depois abriu um sorriso largo ao ver o estandarte pronto.

Compor canções e estar pra jogo:
Exu te ama no Dragão do Mar



Oráculo de Areia

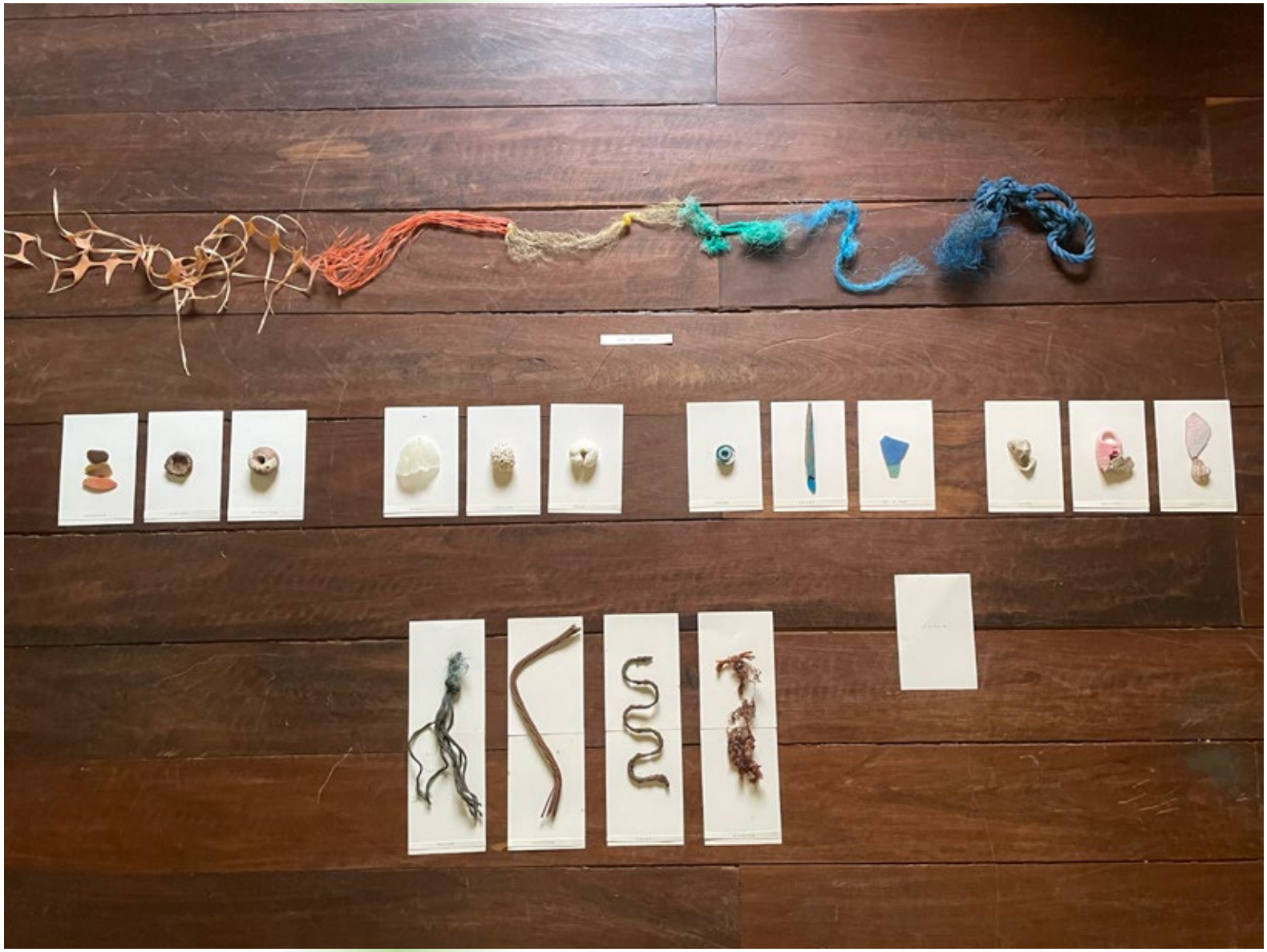
Solte uma pergunta ao vento e caminhe à borda do mar, observe o movimento de vai e vem das ondas, o que elas trazem, o que elas podem levar? O que se deposita aos seus pés? Oráculo de Areia parte de uma prática de caminhada atenta, atenta aos encontros com coisas das mais diversas naturezas que emergem à borda do mar, na areia da praia. Fragmentos plásticos, restos orgânicos, formações minerais, indícios de vidas - um universo inteiro de diversidades, ora engolidas pelo oceano, ora depositadas sobre a areia, por vezes soterradas pelo movimento dos ventos, que em outros momentos desvela e revela pequenos tesouros, entre um passo e outro do caminho.

As 17 cartas que compõe o baralho realizado na Residência Colaboratório em Fortaleza trazem composições feitas a partir da coleta de pequenas coisas encontradas, fragmentos que justapostos se constituem como engrenagens nomeadas com novos sentidos: montanha, asa, umbigo, céu e mar, dentro/fora, deglutição. Mundos inventados, a partir do acaso, do encontro, da justaposição que ao pôr-se a jogo abrem novamente um ciclo de encontros. O fragmento mais simples ganha um mundo de possibilidades ao longo do percurso em que se inscreve, por sua capacidade livre de acoplamento, um fragmento à deriva não tem nada a perder, seu sentido anterior já foi desfeito, sua trajetória, agora desfuncional, o liberta de participar do mundo como engrenagem específica.

O tempo inscrito nos corpos-coisas pelo sol e pelo sal encontra os restos de estruturas orgânicas marinhas, novos seres surgem pela montagem, tecidos em ficção e realidade, são imantando de vida/experiência pelo jogo oracular, que implica um consulente e um vidente às cartas-composições. O jogo deve ser combinado entre os participantes, onde se propõe a moldura e o sentido de leitura. As cartas então passam a pulsar, gerando campo e imantação. Uma voz diz: pára, os sentidos se aguçam - frio na espinha, formigamento - a escolha da carta, ou das cartas e novamente se inicia o giro de novos sentidos. Caminhar atentamente, carregando consigo o fragmento do jogo, até o próximo encontro. Ventania!

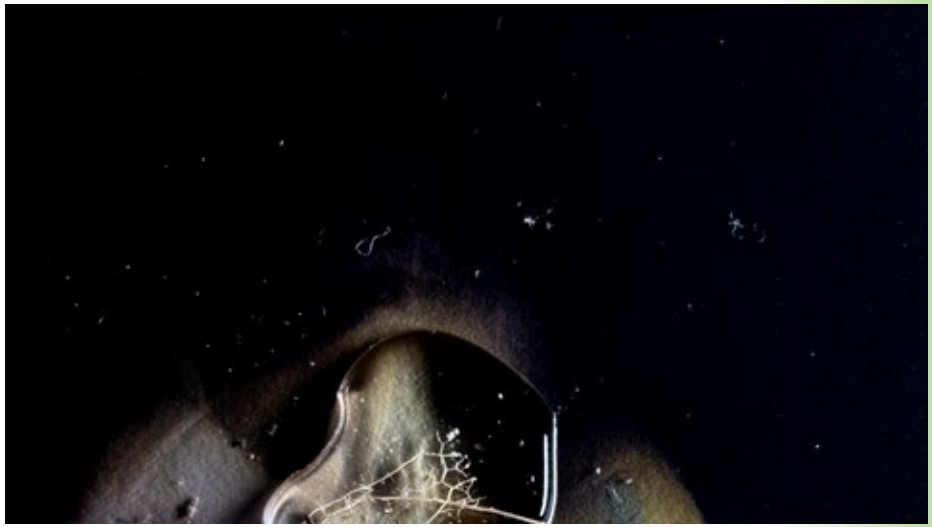


Mariana Smith

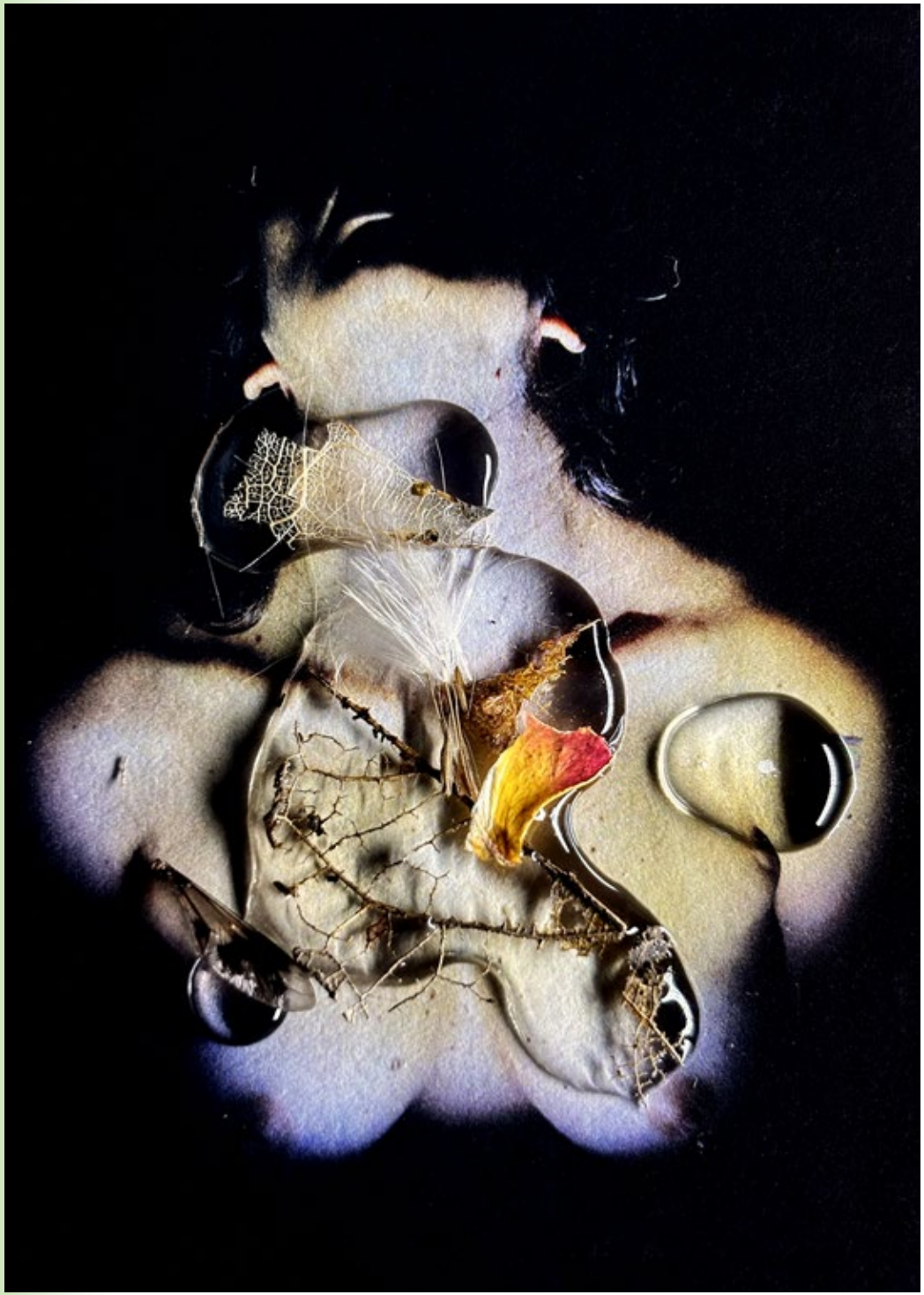








Experimentar com o mergulho profundo e lento, transformar a dor e a angústia. Acontecer na matéria. Acontecer no vazio, no escuro, na solidão. Acontecer que revela algo nunca antes visto, desconhecido, assustador. O que está fora, está dentro, o que está dentro quer gritar: E sussurrar: Qual o som sibilante deste grito? Som de folhas, asas, cascas. Som de flor, de fruta e de raíz: Fragmentos de um mundo em decomposição. Som de pele, de carne, de sangue: Corpo solto no mundo. Olho, boca, língua, garganta, umbigo. Tudo sussurra: Escrever com a gota o mistério, compor, com o mistério, a minha medicina, e reverenciá-la. Deixar vir, dar passagem, evaporar.





ventania

rede_moínho
rebrotamento
giras de céu aos gritos

babosa espada

fiada regenerativa
corpas entrelaçadas

a planta é a viga
vingança da semente
atmosfera de vida o ar

aéreas raízes
sacis em praças
cavalos de mangue

balaios de estórias
livros núvem
vozes em esfinges dançantes

híbridas línguas soprando cascas



Híbrida.

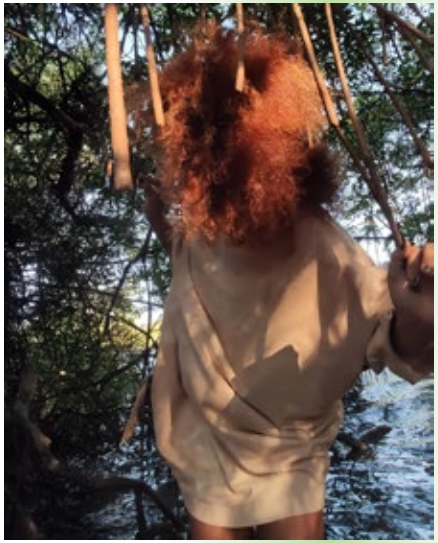
Uma pesquisa que integra a formulação de vestimentas como estruturas de uma escrita combinatória, uma reunião de códigos biomoleculares, conjuros e incorporações.

O percurso de criação aborda as constituições das substâncias manifestadas pela natureza dos elementos reunidos durante o processo: fibras, formas, medicinas, gestos e movimentos de corpos em ativação mútua.

Vestimenta pele, estamparia gravura, tecituras de memórias e territórios percorridos no ato de inscrever-se enquanto corpo presente.

Matéria, textura e movimento enquanto mesclas de narrativas e identidades em formulação contínua e entrelaçada.







Participar e realizar residências artísticas sustenta processos de criação que escapam da lógica produtiva comum. A residência interrompe o ritmo habitual na vida dos participantes e cria um intervalo em que práticas, pensamento, corpo e relação podem operar de outros modos. Nesse intervalo, de duração determinada, a criação se desdobra como experiência partilhada, negociação de ritmos e ampliação de modos de perceber.

Publicar uma residência amplia sua duração. A publicação reinscreve o processo e cria outro acesso à experiência. Publicar permite que um acontecimento temporal ganhe continuidade, pois registra gestos que poderiam desaparecer. No campo da arte, a publicação funciona como extensão da prática.

Faetusa compreende o registro como parte de seu trabalho. O livro, o caderno e a anotação integram seu método, pois ela articula gesto e escrita no mesmo campo. A publicação da residência segue essa lógica. O livro reúne textos, práticas, imagens e palavras que formaram o Colaboratório. Assim, transforma a experiência em arquivo que permite revisitas, estudos e novos usos.

A publicação cria uma camada de memória e método. Cada participante escreveu a partir de sua experiência, e essas vozes recompõem o campo comum. O livro segue como continuidade da residência e oferece ferramentas para quem o lê. Ele também registra práticas de mulheres artistas, processos colaborativos e metodologias que escapam de modelos tradicionais.

Ao organizar o material como livro, Faetusa garante que o processo receba forma e circule. Isso preserva o que ocorreu e permite que a residência siga ativa. O livro é documento, rito e arquivo. Testemunha um tempo vivido e abre espaço para novos tempos de criação.

A residência Colaboratório, realizada na Casa Sônica em 2024, apresentou especificidades que definiram o seu caráter. Tratava-se de um trabalho artístico de Faetusa, o Colaboratório que a cada realização assume um formato variado e passa a integrar sua pesquisa artística e acadêmica. Neles, cada ação e estratégia utilizada pela artista fazia parte de um sistema de protocolos bem definidos, construído ao longo de sua trajetória. A convivência diária incorporava essas práticas ao cotidiano, pois a rotina se organizava de acordo com as ações propostas. Bibliomancias, ervações, leituras de imagens, corporacular, caminhadas, conversas e pausas faziam parte da estrutura dos dias.

A comida preparada por Sheila Batani, Natália Coel e Ibã Karvy fazia parte desse sistema. Os alimentos tinham intenção e funcionavam como gesto que sustentava o grupo. Comer juntas formava um momento de alinhamento e atenção. A produção, feita por Lu Faccini e Camila de Paula, organizava o ritmo geral da residência com a colaboração direta de outras integrantes do grupo, fortalecendo um fluxo de atividades com a flexibilidade, a clareza e a continuidade que caracterizam o trabalho de Faetusa. Esse trabalho exigia precisão e leitura do contexto das envolvidas.

A Casa Sônica, viva e localizada no Edifício Dona Bela, completava esse conjunto de agências entrelaçadas. O prédio, construído em meados do século passado, guarda uma história de convivência e criação. Seus corredores, escadas e apartamentos formam um espaço que acolhe práticas artísticas e que resiste às mudanças da cidade. Estar ali significava integrar essa história e trabalhar em um ambiente voltado à criação.

Residências nesse formato reforçam a importância de construir territórios de pesquisa e convivência. São espaços que apoiam a criação e o cuidado, pois relacionam corpo, ritmo, tempo e território.

—

Sendo também residente, o acompanhamento curatorial que pude realizar ao longo dos dias consistiu em participar do campo criado por Faetusa e, ao mesmo tempo, apoiar sua sustentação no trabalho. Estive dentro do processo, atravessada pelas mesmas práticas e isso definiu meu modo de acompanhar. Minha curadoria não se concentrou em orientar ou dirigir, mas em amparar a experiência enquanto ela acontecia. Observei os ritmos do grupo, apoiei o que pedia espaço, silenciei sempre que preciso, ofereci perguntas quando vi frestas e acolhi as emergências do processo. Como residente, minha escuta se afinou; como curadora, essa escuta se tornou ferramenta pontual com a precisão das pontas - de agulha ou caneta. Meu trabalho foi perceber o movimento do campo e ajudar a mantê-lo vivo, íntegro e respirando. Curar, ali, significou estar junto, reconhecer o pertencimento como método e me entregar ao processo, desde dentro.

—

Durante todos os dias no Colaboratório, tive a sensação de que o tempo operava em outra cadência. O condomínio Dona Bela, com sua arquitetura antiga e suas janelas abertas ao vento, funcionava como um corpo atento aos movimentos do grupo. Eu soube logo no início

que não estava ali apenas para acompanhar. Fui sendo absorvida pela lógica do trabalho, um espaço em que a arte deixou de ser objeto e se tornou acontecimento, convivência e respiração comum.

No primeiro encontro conduzido por Faetusa, percebi que sua metodologia era de desvios da ilusão de linearidade. Ela abria o campo e organizava práticas de bibliomancia, ervação, tarô, corporacular, escrita oracular, caminhadas, ativação de objetos e cartografias no chão. Essas ações envolviam vento, corpo, plantas, fogo e palavra. Ela não buscava explicar nada. Criava condições para que algo emergisse, plural, em cada percurso. Reconheci aí um modo de curar: sustentar o intervalo entre o que ainda não tem forma e os meios que permitem a sua aparição.

O fazer junto estruturou o grupo. Cada artista chegava com sua história, seu modo de perceber e sua investigação, e precisava construir uma presença própria no espaço comum. Acompanhar esses processos exigiu caminhar ao lado em alguns momentos, recuar em outros e, às vezes, formular a pergunta que abriria um ponto de passagem. O fazer só também se afirmava como movimento coletivo, pois cada criação se deslocava a partir das outras.

Aline Bernardi me ensinou a escutar o vento. Em sua prática, percebi como o corpo se orienta por sinais mínimos: a direção da brisa, a sombra no chão, o som de uma folha caindo. Ela transformou esses registros em carta, rito, caminhada e dança, e essa construção evidenciou o alcance do gesto ao alinhar percepção e ancestralidade.

Amrita Jones trouxe uma atenção voltada ao céu. Em Andromeda Dance, ela articulava som, respiração e memória. Acompanhei a forma como deslocava imagens distantes para movimentos próximos. Sua presença atuava no ritmo dos dias, especialmente quando o gongo ressoava e reorganizava o ambiente.

Cinira D'Alva abriu um campo de memória e terra. Em Avó, pedra, pude ver uma arqueologia pessoal que se articula com questões históricas: costurar, nomear ancestrais, pisar na areia, lembrar quintais e localizar marcas da história do Ceará. Acompanhei seu processo como quem acompanha um desenterramento cuidadoso.

Curva de Ryo trabalhava com o fogo como referência. Sua escrita e seu altar formavam um território de concentração, em que cada objeto carregava uma trajetória. Ali compreendi como o Colaboratório apoiava rituais que partem do íntimo e passam ao coletivo.

Fernanda Porto desenvolveu uma pesquisa sobre dobras, afetos entre gerações, ser mãe. Sua prática envolvia reunir fragmentos, observar detalhes e reorganizar o cotidiano. Em Dobra, manifestei a atenção ao ritmo desses gestos e percebi como suas coleções criavam outras camadas de sentido.

Loreta Dialla trabalhava a partir da escuta. Em Sibila, havia uma busca que se orientava por sinais discretos. Observei seu processo e percebi que ela se guiava pelas margens: a palavra que quase surgiu, a sombra que mudou de posição, o ruído mínimo no ambiente.

Lu Faccini abraçou a ideia de "estar pra jogo" que ecoou em uma das primeiras conversas do grupo. Seu trabalho se expandiu em estandarte, lambe-lambe, deriva pela cidade, música, circulação e conversas com quem encontrava. Ele traduziu a residência em disponibilidade e em atenção ao que o contexto oferecia.

Mariana Smith trouxe as coletas intencionais e a leitura dos elementos trazidos ou curtidos pelo mar como método. Em Oráculo de Areia, mostrou que cada fragmento deixado pela água guarda uma trajetória. Caminhei com ela em alguns momentos e vi como a composição das cartas surgia do encontro entre gesto, acaso e matéria.

Thaís de Campos mergulhou em uma investigação sobre vulnerabilidade em afeto, autopoiesis e linguagem. Em Eu, enigma, acompanhei um percurso que exigia silêncio, cuidado e regularidade. Cada texto seu parecia nascer de uma camada profunda do corpo.

Themis Memória trouxe a pesquisa sobre vestimentas. Em Híbrida, ela investigou fibras, cortes, costuras e texturas como extensões do corpo. Seus gestos apontavam para relações entre território, memória e forma.

Enquanto acompanhava essas vivências todas, eu percebia meu próprio deslocamento.

Nas ações conduzidas por Faetusa Tirzah, entendi mais sobre o funcionamento do Colaboratório. Cada sessão operava como campo de ativação. Na bibliomancia, os livros se abriam em páginas que respondiam ao momento. No corporacular, os objetos colocados sobre o corpo levantavam questões que ainda não tinham sido formuladas. Na ervação, os cheiros acionavam recordações diversas. No tarô, as cartas formavam arranjos que apontavam direções. Na Carta céu, as escritas no chão organizavam relações entre palavras e posições.

Observar Faetusa me possibilitou compreender que sua prática articula vida, arte e espiritualidade sem separações. Ela trabalha com o que está ao alcance da mão, da respiração e da atenção. Como curadora, precisei ajustar meu lugar: apoiar quando

necessário, recuar quando adequado e testemunhar quando o processo pedia silêncio.

O fazer junto produziu um tipo de força que ampliava os percursos individuais. O fazer só sustentou a escuta interna que eu precisava manter. Em alguns momentos, sentei ao lado do grupo apenas para respirar com ele. Em outros, caminhei pela casa, pela praia ou pelo centro para reorganizar minha percepção e preservar a atenção à travessia de cada artista.

Reconheci aos poucos que meu trabalho ali consistia em cuidar da experiência como acontecimento. Precisava reconhecer sua intensidade e observar as condições para que cada participante conduzisse sua própria investigação dentro da obra de Faetusa. Essa residência me mostrou que a curadoria também pode operar de modo oracular, pois envolve presença, escuta e disposição para o que ainda não nasceu.

Saí de Fortaleza entendendo que aquele processo segue em movimento, reverberando em cada pessoa. Levo comigo o que vivi ali e sigo acreditando que a criação sopra o desejo de sustentar o mistério e de pôr à mesa os meios para que ele possa se manifestar, natureza em cultivo.

ALINE BERNARDI
Nasceu no Rio de Janeiro, artista-pesquisadora e docente das artes do corpo e da cena: performer, bailarina, atriz, escritora, coreógrafa, preparadora corporal, diretora de movimento. Sua poética entrelaça atuação cênica no campo intensivo, escritas performativas e dramaturgias interespécies. Autora do livro-caderno Umbigo: poemas lunares, Ed. Caseira (2025). Autora do livro-performance Decopulagem, Ed. Caseira (2024). Autora e organizadora do livro Lab Corpo Palavra: chão para uma prática de escritas dançadas, Ed. Circuito, Edições PPGDan/UFRJ (2023). Sua produção artístico-pedagógica circulou pelo Brasil e no Chile, França, Equador, Espanha, Inglaterra, Argentina, Uruguai, Colômbia, Portugal, Canadá, Itália e Grécia.
www.alinebernardi.com
@alinebernardi.oficial
@celeiromoebius.com

AMRITA JONES
Musicista, sound designer. Pesquisadora e terapeuta sonora, investiga processos de confluência entre a dança, frequências sonoras e cura em diálogo com seus interesses pela astronomia.

CAMILA DE PAULA
Administradora e Designer de moda (UFC), é sócia-administradora do salão Meraki. Acredita na potência dos trabalhos em grupo, construindo ambientes de trabalho que incentivam a colaboração, os processos criativos e a espiritualidade. Estuda as diversas manifestações dos oráculos por meio do desenho.
@meraki_fortaleza

CINIRA D'ALVA
Arquiteta e artista visual. Graduada pela Universidade de São Paulo, mestre em Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia e doutoranda nesse mesmo único lugar possível para uma Contra urbanista. Investigo a experiência do aberto na cidade. Táticas de abandono de si. Contaminações de pontos de vista. Desmanche de separações. A escrita é o meio.

CURVA DE RYO
É multiartista itinerante do Cerrado Pantaneiro, residente no Cariri cearense. Atua como diretora de arte, taróloga, escritora, figurinista, realizadora audiovisual, artista das cenas e produtora audiovisual. Publicou em 2024 o seu livro de poesias Todo peso do mundo se desdobra em água. Pesquisa os cruzamentos entre poesia e oráculo como tecnologias de cura coletiva e caminhos de retorno ao próprio corpo.

FAETUSA TIRZAH
Artista, pesquisadora, astróloga, taróloga e terapeuta. Arquiteta, especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, e Mestre em Artes Visuais, linha de processos artísticos contemporâneos pela UDESC. Desde 2010 realiza projetos voltados ao corpo, terra e ciclos. Nos últimos 10 anos atua no cruzamento entre as artes visuais, oráculos e processos de cuidado. Publicou o livro Lunação em 2022, ed. Biblioteca-Floresta – Selo Biblioteca Ausente, e o livro de poesia Oráculo na língua em 2024, ed. Eu-i – Selo TAUP. Investiga o oráculo como metodologia de criação e pesquisa em arte, a partir de noções de jogo e cartografia. Conduz os *Colaboratórios* – espaços de produção de sentidos, e leituras-escritas oraculares como prática coletiva de reencanto.

FERNANDA PORTO
Artista visual, designer gráfica e pesquisadora. Nasceu em Fortaleza, Ceará, e vive em São

Paulo. Mestre em Estética e História da Arte, graduada em Comunicação Social. Sua prática artística se orienta pela ação de colecionar e de ficcionalizar a experiência da vida cotidiana. Como designer gráfica, trabalha em projetos ligados a produções artísticas e culturais, na elaboração de linguagens visuais de exposições e projetos editoriais. No campo do audiovisual, desenvolve cartazes, créditos e artes gráficas para séries, curtas e longas-metragens.
@fernandaporto202

IBÃ KARVY
Artista translinguagem, atua como artista circense, professore de artes, brincante batuqueire, artista da cena, marceneire e produtore cultural. Pesquisa o encantamento e a espiritualidade presentes na cultura popular e dos aspectos do risco ritualístico presentes no circo, confluindo samba de coco, reisado, bumba-meu-boi e diversos brinquedos com a espiritualidade afro-indígena manipulações de fogo, acrobacias e equilibrismo.

LORETA DIALLA
Atriz, diretora, dramaturgista e pesquisadora. Desde 1997 atua de modo transversal nas linguagens do teatro, cinema, música e arte sonora. É mestre em artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes (ICA-UFC). Possui graduação em Teatro pelo (IFCE) e formação técnica pelo Curso de Arte Dramática (UFC). Nos últimos anos tem colaborado em projetos e produções de coletivos e artistas multidisciplinares. Desde 2010, integra o grupo Teatro Máquina compondo seus projetos artísticos e repertório de trabalhos cênicos. Participou de importantes eventos e mostras em território nacional e internacional como os festivais: MIRADA (BR); Poa em Cena (BR); Cena Brasil (BR); Festival de Teatro de La Habana (CU); Edinburgh Fringe Festival (UK); Santo Noise (AR); Frestas Telúricas (BR); Salão de Abril (BR) e Festival Abstrata (BR). Seus projetos e criações artísticas transitam entre os formatos de espetáculos cênicos, live performances, filmes, vídeos, álbuns e instalações sonoras. Na esfera formativa tem ministrado cursos, oficinas e residências artísticas dedicadas as poéticas e práticas expandidas do corpo na cena interessadas na investigação de gestos de autoria, estados de presença, zonas de alteridade e modos de percepção.

LU FACCINI
Artista múltiplo, compositor e produtor. Trabalha realizando pontes entre áreas e contextos e tem sua trajetória muito conectada a coletivos artísticos, grupos e bandas. É colaborador da Selváticas Ações Artísticas e integrante da Membrana Literária e colaborou na antologia de poesia Chão Brasil (2023).
www.lucianofaccini.com/

MARIANA SMITH
Investiga as transformações da paisagem e as diferentes formas de pensar sua construção. Tem interesse em ficções visuais, documentações científicas e práticas oraculares. Desenvolve trabalhos com fotografia, vídeo, desenho e instalações.

NATÁLIA COEL
Artista e produtora cultural, com uma trajetória dedicada à pesquisa e criação de projetos voltados para a regeneração ambiental e a reconexão com a natureza. Seu trabalho se concentra no desenvolvimento de propostas que promovem o reflorestamento de áreas urbanizadas, unindo arte, sustentabilidade e ativismo ecológico.

SHEILA BATANI
Multiartista, Indigenista, produtora cultural, Aprendiz da Cozinha Viva e artesã, com uma trajetória marcada pela criatividade e pelo compromisso com a valorização das culturas indígenas e comunidades tradicionais, cultua o bem-viver. Designer de Moda, utiliza suas habilidades artísticas para criar projetos que integram arte, cultura e sustentabilidade.

THAÍS DE CAMPOS
Nasceu em Recife e vive em Fortaleza desde 1999, é artista visual, audiovisual e musicista experimental. Graduada em Design de Moda e em Audiovisual, é sócia da produtora Caratapa, integra o coletivo feminino de arte sonora AterraFlecha e é gestora do Acervo Medusa, atuando como diretora de arte e figurinista. Realiza as performances audiovisuais "Uma Salto Adiante", "Água Viva", "Selva Coração", "MulherMÁquina" e dirigiu o curta-metragem "Grande Mistério". Interessada em diferentes materialidades, investiga articulações entre imagem e som inventando atmosferas sensoriais, sonoras e musicais, que, combinadas às imagens que cria, habitam a zona entre cinema, música, performance e artes visuais.

THEMIS MEMÓRIA
Cearense, residente em Fortaleza, graduada em Design de Moda pela UFC, atua como Designer, Artista Visual, Diretora de Arte e Figurinista desde 2003. Idealizadora e produtora cultural do SALÃO DAS ILUSÕES, espaço que articula desde 2010, cursos, oficinas, exposições, lançamentos de coleção, feiras de produtos autorais e projetos de residência artística. Compõe através do projeto HÍBRIDA, intervenções têxteis, criação de vestimentas e instalações,utilizando técnicas de estamparia/ gravura, audiovisual, costura e modelagem vinculadas a uma pesquisa cosmo-biológica.
themismemoria@gmail.com / @temosmemoria / @hibridaaa / @salaodasilusoes

VALQUÍRIA PRATES
Curadora, pesquisadora e educadora. Investiga processos de participação e colaboração na arte contemporânea e no patrimônio cultural, atuando em parceria com comunidades tradicionais e instituições culturais e educativas.
@valquiriaprates

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colaboratório [livro eletrônico] / organização
Faetusa Tirzah. – 1. ed. – Curitiba, PR: Ed. dos Autores, 2026.
PDF. Vários autores.

ISBN 978-65-02-01456-1

1. Artes visuais 2. Criatividade (Literária, artística, etc)
3. Oráculos I. Tirzah, Faetusa.

26-347343.0 CDD-701.15

Índices para catálogo sistemático:
1. Criatividade: Artes 701.15
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

COLABORATÓRIO

Artista propositora, idealização, pesquisa e condução dos colaboratórios: **FAETUSA TIRZAH** ✷ Idealização da Casa Sônica: **AMRITA JONES** ✷ Coordenação artística da Casa Sônica: **AMRITA JONES** com colaboração de **THAÍS DE CAMPOS** ✷ Coordenação do projeto: **FAETUSA TIRZAH, AMRITA JONES E THAÍS DE CAMPOS** ✷ Pré-produção: **THAÍS DE CAMPOS** ✷ Produção: **LU FACCINI** ✷ Assistente de produção: **CAMILA DE PAULA** ✷ Curadora residente: **VALQUÍRIA PRATES** ✷ Projeto gráfico: **FERNANDA PORTO** ✷ Registro fotográfico: **CLARA CAPELO** ✷ Artistas residentes **ALINE BERNARDI, AMRITA JONES, CINIRA D'ALVA, CURVA DE RYO, FAETUSA TIRZAH, FERNANDA PORTO, LORETA DIALLA, LU FACCINI, MARIANA SMITH, THAÍS DE CAMPOS E THEMIS MEMÓRIA** ✷ Aulas de Yoga: **DÉBORA FIRMEZA** ✷ Cozinha afetiva: **SHEILA BATANI, NATÁLIA COEL E IBÃ KARVY**

CASA SÔNICA

Espaço de criação e pesquisa em corpo, som e cuidado, situado no condomínio Dona Bela, centro de Fortaleza. O condomínio é uma construção de 1950 – tombada pelo patrimônio histórico – que abriga moradias e espaços culturais, e se configura como um lugar de resistência diante da especulação imobiliária e das transformações urbanas da cidade. Com diversos desafios, Dona Bela abrigou e segue abrigando diferentes manifestações artísticas da cena local, incluindo música, dança, yoga, cozinha criativa, artes visuais e cinema.

COLABORATÓRIO

Faetusa Tirzah



Casa Sônica

2024